



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

## Arte pré-romana

Francisco Martins Sarmiento

O Occidente, Lisboa, 1879, vol. II, pág. 157

A portada de que *O Occidente* dá hoje a gravura (fig. 1), apareceu nas escavações de Sabroso, menos a padieira que de balde foi procurada. Completando-a com uma padieira da Citânia (fig. 2), não fazemos obra de fantasia. Restos duma portada, em tudo igual à de Sabroso, tinham já sido descobertos na Citânia, a par duma padieira, que sem a menor dúvida lhe pertencia, e que só se diferencia da da nossa gravura em que a parte central apenas continha o nome de Camal e alguns ornatos singelos (V. *Renascença*, fasc. II, III, págs. 24, 25, fig. 14).

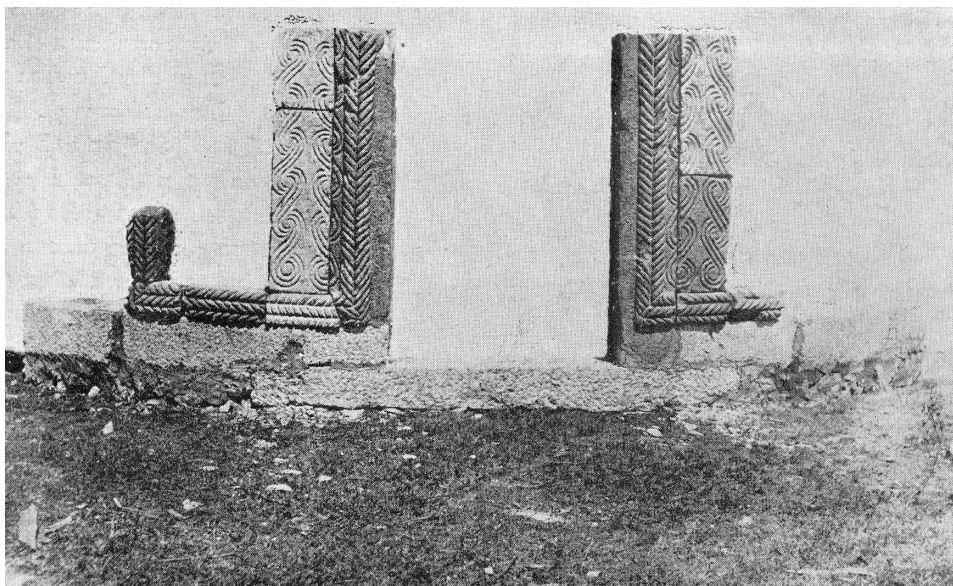


Fig. 21

Uma outra diferença que convém notar, por outros motivos, é

que a casa da Citânia era quadrilonga, a de Sabroso circular. O rasgo do batente na ombreira, que tem exactamente a mesma altura da parte ornamentada, não mede mais que 1<sup>m</sup>,22, e por muito extraordinário que isto pareça, o exame de outras ombreiras induz a crer que as portas em ambas as povoações não excediam muito mais aquela medida.

A largura, se a porta era de um só batente, porque na Citânia, pelo menos, as havia de dois, regulava por um metro.



Fig. 2

É impossível saber-se até onde chegava o cordão triplicado, que do nível da soleira partia em direcções divergentes, nem como rematava este ornato: as peças da portada, como facilmente se imagina, apareceram dispersas.

A particularidade de se não encontrar em Sabroso o mínimo vestígio de influência romana não deixa dúvida de que estamos em face duma arte, que o romano alcunharia de bárbara, e que por isso mesmo nos desperta dobrado interesse.

Donde veio ela?

Vamos coligir alguns factos que nos dão, se não erramos, uma orientação quase certa.

O motivo principal na ornamentação da faixa, que corre paralela à ombreira, consiste em círculos concêntricos, e, suposto eles pareçam abafados pelas linhas curvas, que os ligam, o artista não se esqueceu de marcar bem o ponto, onde centrou o compasso que os traçou. Esta ornamentação dir-se-ia uma reminiscência da idade de

bronze, que a empregava habitualmente, tanto em objectos deste metal, como em barro, e Sabroso mesmo pode fornecer pontos de comparação: o fragmento cerâmico (fig. 3), e a chapa de bronze (fig. 4) são de Sabroso.

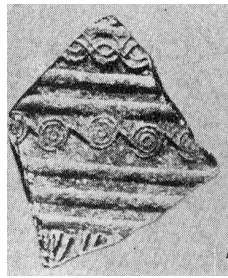


Fig. 3

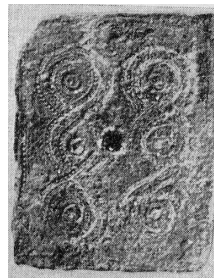


Fig. 4

As mesmas figuras, só muito mais rudimentares, gravadas numa laje destas ruínas, reproduzem ainda quatro círculos, ligados por uma linha oblíqua: aqui círculos e linhas são singelos. Círculos singelos, isolados, dobrados, espirais, ao lado das *covinhas*, que cada vez atraem mais a atenção dos arqueólogos, são triviais nas lajes da Citânia e de Sabroso, e parece fora de dúvida que todas estas figuras e sinais andavam estreitamente associados e pertenciam ao mesmo simbolismo que a famosa *suástica*.

A *suástica*, como o sr. Schliemann o encontrou em Mycenae não falta nas nossas ruínas, e é nelas igualmente comum uma outra figura que o célebre explorador descobriu em Mycenae e em Tróia (fig. 5), e cuja significação ainda não está bem definida.

Tudo isto nos aponta inequivocamente o oriente; mas, para que a etnografia pudesse tirar seguras consequências destes factos, seria necessário provar que não tínhamos aqui a cópia inconsciente de desenhos de objectos, importados por estrangeiros, mas um grupo de sinais simbólicos compreendidos por estes povos do extremo ocidente e formando um corpo de tradições ainda vivas.



Fig. 5

Neste ponto a dúvida não nos parece permitida. Já na *Renascença* (n.º cit., pág. 25) mostrámos que uma figura, gravada numa laje da Citânia, era certamente tão bem compreendida pelos habitantes desta povoação, como o sinal Mahadeo, que tem com aquela figura incontestável analogia, ainda hoje pelos fakires da Índia. Sinais, não somente análogos, mas perfeitamente idênticos ao Mahadeo, encontram-se na Citânia e em Sabroso, e a prova irrefutável de que tais círculos não eram meramente ornamentais, é que um deles aparece na face inferior duma pedra, que pela superior nivelava com o pavimento duma casa. A figura, pois, fica soterrada e furtada à vista; a casa, como diria o sr. H. Martin, estava colocada sob a protecção dos círculos misteriosos.

A espiral da padieira da nossa gravura, a *suástica* da padieira, de que a *Renascença* já deu a gravura (n.º cit., fig. 6), estão a nosso ver, no mesmo caso, e tudo nos persuade que os antigos povos desta parte da Espanha tinham -ainda viva a compreensão das suas tradições religiosas: eram arianos pelas crenças, e, segundo afirma o nome de Camal, arianos pela língua.

Eram celtas, como este nome o evidencia para alguns?

No meio da ignorância em que estamos acerca dos primeiros povos de origem indo-europeia que ocuparam a Península Ibérica, o celtismo tornou-se uma espécie de recurso banal, de que também temos feito uso. Esperamos, porém, poder demonstrar que tal denominação deve ser proscrita, quando se fala de lusitanos e de



galegos, que muito provavelmente já estavam de posse desta parte da Europa, séculos antes da aparição dos celtas nestas regiões.

Guimarães, 3-6-79